



Trilhas: como Facilitar a Seleção de Pontos Interpretativos

Teresa Cristina Magro
Valéria Maradei Freixêdas

Departamento de Ciências Florestais ESALQ/USP

RESUMO: O método IAPI (Indicadores de Atratividade de Pontos Interpretativos) facilita a seleção de pontos com mesmo tema em trilhas interpretativas. Além de tornar a escolha menos subjetiva com o uso de indicadores que refletem a atratividade do sítio, a vantagem da aplicação do método IAPI é o aumento da apreciação e do interesse do visitante sobre o tema interpretado.

PALAVRAS-CHAVE: Trilhas interpretativas, Interpretação, Uso público, IAPI (Indicadores de Atratividade de Pontos Interpretativos).

INTRODUÇÃO

De maneira geral, o grande estímulo para que os visitantes realizem uma caminhada é o destino final da mesma, representado por cachoeiras, grutas, lagos e cumes de montanhas. Apesar de se concordar com a frase de Enos Mils “a essência está em aproveitar a viagem ao invés de chegar” (Regnier, Gross e Zimmerman, 1992), no planejamento de trilhas interpretativas, encontram-se dificuldades em distribuir a emoção do visitante durante todo o percurso, ou mesmo em incentivá-lo a apreciar a área visitada como um todo.

Este fato relaciona-se com as expectativas dos visitantes quando em uma área natural. Além das qualidades estéticas, que para a maioria dos usuários é sinônimo de áreas silvestres, os visitantes espe-



ram ter grandes emoções durante sua estadia. A falta de hábito em apreciar e compreender os atributos de uma área natural, faz com que muitos usuários tragam seus hábitos urbanos para a área visitada, de modo a fortalecer a emoção que buscam no contato com a mesma, requisitando-a, então, para a realização de churrascos, consumo de bebidas e uso de equipamentos sonoros.

Cabe, desta forma, ao planejador de trilhas interpretativas despertar a curiosidade do visitante sobre os recursos naturais e culturais existentes nas áreas silvestres, devendo ter uma preocupação constante em aumentar a qualidade da experiência da visita. A beleza estética, entre outros atributos do sítio, funciona como um incentivo para que o turista pare, leia as informações disponíveis e conseqüentemente tenha maior entendimento e apreciação da área que está visitando. Neste caso, um painel, ou até mesmo um ponto de descanso, deve estar estrategicamente localizado de forma a agregar elementos que aumentem a atratividade do local.

Os fundamentos técnicos para interpretar o ambiente podem ser encontrados na literatura básica desta área: Sharpe (1982), Hypki e Loomis (1981), Berkmüller (1981), Msiad (1981), Regnier, Gross e Zimmerman (1992), Trapp, Gross e Zimmerman (1992), Ham (1992), Carter, Diment e Maykels (1993). No entanto, a existência de vários pontos com potencial interpretativo semelhante em uma mesma trilha dificulta sua seleção. Uma vez que a apreciação da área pelos visitantes é extremamente influenciada por esta escolha, vale a pena ressaltar que o ponto selecionado deve ser um local agradável, além de possuir atrativos para a interpretação.

Este documento tem por objetivo apresentar um método que facilite a escolha entre dois ou mais pontos que possuam temas interpretativos semelhantes. Isto contribui para um melhor planejamento de trilhas com um impacto positivo ao visitante, pois leva em consideração não apenas o elemento principal em questão, mas também outros atributos chamados de indicadores, que estão presentes nos sítios analisados. Este método foi aplicado para planejar e implementar duas trilhas interpretativas de um parque natural particular do Estado de Santa Catarina – Brasil.

METODOLOGIA

O método IAPI (Indicadores de Atratividade de Pontos Interpretativos) aqui descrito em cinco fases, objetiva agregar ao potencial interpretativo de cada sítio selecionado, um valor qualitativo para aumentar a atratividade do local.

Fase 1: Levantamento dos pontos potenciais para a interpretação

O processo de interpretar uma trilha começa com um exercício de observação e estudo de seus recursos naturais e culturais. Uma vez realizado o inventário do que há de mais importante no local, escolhe-se o tema a ser interpretado e inicia-se então, o processo de seleção dos pontos que estarão em seu programa de visita.

Para o levantamento dos pontos potenciais para a interpretação deve-se seguir as indicações básicas contidas na literatura citada anteriormente. Cada ponto pré-selecionado em campo deve corresponder a uma numeração. Sugere-se a utilização de fitas coloridas que aceitem escrita e que possam ser removidas após a seleção final.



Fase 2: Levantamento e seleção de indicadores

Inicia-se, então, um levantamento dos recursos naturais visíveis a partir dos pontos pré-selecionados na trilha para a escolha de alguns “indicadores de atratividade”. A atratividade do sítio relaciona-se de maneira geral, com fatores naturais como variedade de vegetação, proximidade com corpos d’água, relevo, áreas históricas ou arqueológicas, entre outros.

Em alguns casos, a atratividade pode ser uma combinação de dois ou mais fatores, como água e relevo (Jubenville, 1976). Já outros fatores como alta incidência de insetos ou presença de plantas nocivas podem vir a ter efeitos negativos. Assim, a preocupação do que incluir e o que evitar no planejamento dos pontos interpretativos pode fazer uma grande diferença na qualidade da experiência da visita. Uma relação de indicadores básicos é apresentada no Tabela 1.

A escolha dos “indicadores de atratividade” utilizados na avaliação dos pontos pré-selecionados deve fundamentar-se na facilidade de sua identificação em campo e na possibilidade de repetição desta avaliação por um segundo observador.

Tabela 1

Indicadores básicos para avaliação da atratividade de pontos interpretativos.

INDICADOR	CARACTERÍSTICA
Linha Vertical e Horizontal	Predominância de elementos dispostos em padrão vertical (troncos de árvores, brotações) ou horizontal (raízes tabulares, rochas).
Posição	Visualização do horizonte em relação à posição do observador. a) Em nível b) Inferior c) Superior
Escala e Distância	1º Plano - Os elementos predominantes analisados encontram-se próximos ao observador. Um exemplo seria interpretar uma árvore cujo tronco esteja perto do visitante. A atenção é voltada para a percepção dos detalhes.
recursos observados.	Média - Escala e distâncias intermediárias, podendo-se observar o ambiente com menos detalhes que no 1º Plano. Fundo - Predominam vistas panorâmicas e espaços abertos. Não há detalhamento dos
Água	Visual - Cursos d’água são visualizados a partir do ponto. Som - Apenas o som da água é perceptível.
Rocha	Predominância de rochas em tamanhos e formas diferenciadas.
Epífitas	Alta incidência de epífitas no ponto.
Observações	Algumas informações adicionais podem ser anotadas, pois podem auxiliar no caso de dúvidas quanto à escolha dos pontos como vegetação diferenciada, presença ou sinais de animais, locais de beleza única etc. Da mesma forma podem ser incluídos indicadores que avaliem o desconforto que o sítio possa ter, como por exemplo, odor forte, ruídos contínuos, plantas urticantes, insetos etc.



Fase 3: Elaboração da Ficha de Campo

Escolhidos todos os indicadores a serem avaliados, elaborase uma ficha de campo, com a qual deve-se buscar relacionar a ausência ou presença destes elementos em cada um dos pontos. É importante ressaltar que cada área analisada deverá ter uma ficha de campo própria, contendo os elementos considerados mais importantes. Um exemplo pode ser visualizado na Tabela 2.

Os valores ou “pesos” atribuídos a cada indicador têm por base a importância do elemento em questão para a qualidade da experiência do visitante na área. No exemplo da Tabela 2, os indicadores posição superior, escala em 1º plano, som de água, presença de rochas e epífitas receberam peso 2, enquanto os indicadores escala ao fundo e visual de água receberam peso 3. Os demais indicadores receberam peso 1.

Tabela 2

Exemplo de ficha de campo com indicadores de atratividade. Os números entre parênteses indicam o peso atribuído aos indicadores selecionados, podendo variar para cada trilha.

Nº Tema	Linha V	Linha H	Posição			Escala/Distância			Água		Rocha	Epífita	Pontuação	
			Nível (1)	Infer. (1)	Sup. (2)	1ºPlano (2)	Médio (1)	Fundo (3)	Visual (3)	Som (2)	(2)	(2)		
P1	figueira	x		x			x				x	x	xxx	14 - excluído
P2	figueira	x		x	x		x	x	x				xx	18 - selecionado
P3	figueira	x		x	x		x	x			x	x	x	12 - excluído
P4	mata ciliar	x		x			x				x	x	xx	12 - dúvida, área maior
P5	mata ciliar	x		x			x				x	x		8 - excluído
P6	mata ciliar	x			x			x	x		x	x		13 - dúvida, área menor
P7	mirante	x	x	x	x		x		xx		x	x	x	17 - colocação de banco
P8	rocha	x		x			x				x	xx		10 - excluído
P9	rocha	x		x			x				x	xx	x	12 - selecionado
P10	rocha	x		x			x				x	xx		10 - excluído

P = Pontos analisados; x = presente; xx = grande quantidade; xxx = predominância

A coluna de tema interpretativo é fundamental, para não ter dúvidas no escritório sobre o recurso a ser interpretado em cada ponto e ficar mais fácil para comparar quais pontos serão selecionados e quais serão excluídos.

Fase 4: Uso da Ficha de Campo



Quando em campo, o uso de símbolos facilita a identificação da intensidade dos recursos analisados no local (x = presente; xx = grande quantidade; xxx = predominância). Esta análise, por ser mais subjetiva, deve ser precedida por um levantamento piloto com todos os observadores em conjunto, visando padronizar sua atuação e conferir-lhes uma maior independência em campo. O ideal é que a análise de cada trilha seja feita por duplas, que analisem seus pontos do início ao fim para evitar mudanças de critérios.

A intensidade anotada para cada indicador será transformada em números de 1 a 3, que devem ser multiplicados pelo seu respectivo peso. Estes valores somados permitem chegar à pontuação final dos sítios.

A atribuição de valores numéricos para os indicadores objetiva facilitar a contagem de pontos para cada local analisado. Embora haja uma certa tendência de chamar este tipo de análise de quantitativa, consideramos a avaliação como qualitativa. Segundo Litton (1979) avaliações quantitativas da paisagem são freqüentemente denominadas de maneira errônea. Muitos elementos visuais podem ser medidos e colocados em uma escala, mas as avaliações resultantes são mais comparativas que quantitativas. O autor afirma que o uso de números arbitrários (ou relativos) para representar critérios visuais/estéticos é bastante comum e útil.

Fase 5: Seleção Final

Os pontos interpretativos potenciais que obtiverem maior pontuação na ficha de campo devem ser selecionados de forma definitiva após uma checagem final em campo. O mesmo procedimento pode ser utilizado na escolha de locais para descanso (colocação de bancos) ao longo da trilha.

Na Tabela 2, os pontos foram numerados de 1 a 10. No caso, P1, P2 e P3 são pontos potenciais para interpretar o tema “comportamento estrangulador da figueira sobre a árvore suporte”. Após a análise dos 3 pontos, decide-se pelo ponto P2 que recebeu maior pontuação por apresentar-se mais atrativo. Muitas vezes é necessário voltar ao campo, nos casos de dúvida, como no caso dos pontos P4 e P6. Neste caso, o P4 oferece maior facilidade para agrupamentos de pessoas perto de um possível painel e a pequena diferença de pontuação não fornece elementos suficientes para a seleção definitiva em relação ao P6.

Os recursos mais marcantes do ponto de vista estético, como a visualização da água ou vista panorâmica, têm efeitos positivos nas trilhas, atingindo quase sempre as maiores pontuações (caso do P2). É importante ressaltar, no entanto, que a repetição de um evento ou recurso pode atribuir valor negativo ao sítio. Como exemplo, considere um caminho paralelo ao leito de um rio com corredeiras. O primeiro contato com o som da água tem grande impacto, atribuindo um alto valor para a qualidade da experiência do visitante. Depois de 30 minutos, a caminhada poderá ficar cansativa devido à monotonia da repetição do som e da paisagem.

A Figura 1 mostra um exemplo do resultado final de uma seleção, com pontos interpretativos que conferem à trilha diferentes picos de atratividade, que estimulam a atenção do visitante durante todo o percurso. Na área analisada, o método IAPI possibilitou a escolha final de 15 dos 37 pontos interpretativos potenciais existentes, distribuídos em 2.300 metros de trilha.

CONCLUSÕES

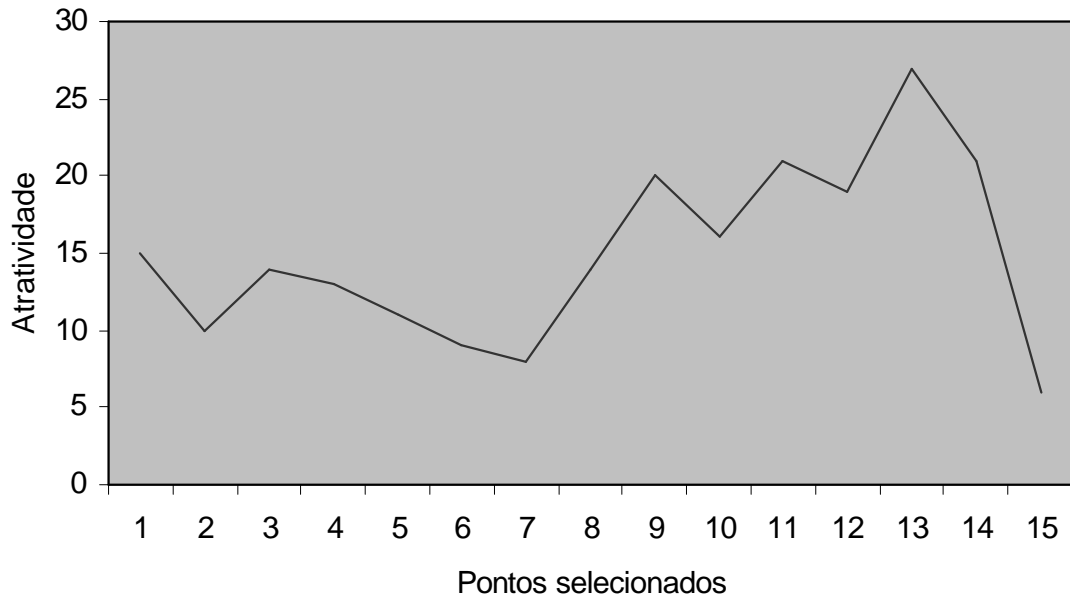


Figura 1

Valores finais de atratividade para os pontos de interpretação e paradas de descanso na Trilha dos Araçás-SC.

Cabe ao planejador de trilhas interpretativas despertar a curiosidade do visitante sobre os recursos existentes em áreas naturais, devendo ter uma preocupação constante em aumentar a qualidade da experiência da visita. Conforme apresentado neste documento, isto pode ser atingido com a consideração dos valores estéticos e outros atributos existentes nos locais selecionados para interpretação ou descanso.

Embora o método descrito não seja inovador na sua concepção, uma vez que a análise de recursos estéticos é conhecida e utilizada há vários anos, sua adaptação como técnica para a escolha de pontos interpretativos é simples e útil.

O tempo total empregado para a seleção de pontos interpretativos com a utilização deste método é menor do que quando se faz a escolha de modo aleatório. Isto se deve ao menor número de visitas ao campo, uma vez que a atuação dos observadores é padronizada, aumentando sua independência e eficiência.

A aplicação do método IAPI resulta em uma trilha bem planejada com pontos interpretativos dinâmicos apresentando diferentes picos de atratividade, que estimulam a atenção do visitante durante todo o percurso, incentivando-o a apreciar a área como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- BROWN, T.C.; DANIEL, T.C. Modelling forest scenic beauty: concepts and application to ponderosa pine. *USDA. Forest Service. RM research paper*, n.256, p.1-35, 1984.
- CARTER, J.; DIMENT, N.; MAYKELS, P. *Design and graphics in interpretation: a practical guide to producing printed material for environmental projects*. Wahington: CEI, 1993. 28p.
-
- HAM, S.H. *Interpretación ambiental: una guía práctica para gente con grandes ideas y presupuestos pequeños*. Golden: North American Press, 1992. 461p.
- HYPKI, C.M.; LOOMIS, T.E. Manual para la interpretación del ambiente en áreas silvestres. *Informe técnico. Catie*, n.15, p.1-38, 1981.
- JUBENVILLE, A. *Outdoor recreation planning*. Wyoming: W.B. Saunders Company, 1976. 399p.
- LITTON Jr., R.B. Descriptive approaches to landscape analysis. In: *Our National Landscape: A Conference On Applied Techniques For Analysis And Management Of The Visual Resource*, Nevada, 1979. *Proceedings*. p.77-87.
- MSIAD, J.A. *Information signs for the countryside: a guide to their production*. Countryside Commission, 1981. 84p.
- REGNIER, K.; GROSS, M.; ZIMMERMAN, R. *The interpreter's guidebook: techniques for programs and presentations*. Stevens Point: VW-SP Foundation, 1992. 101p. (Interpreter's handbook series).
- SHARPE, G.W. *Interpreting the environment*. New York: John Wiley, 1982. 694p.
- TRAPP, S.; GROSS, M.; ZIMMERMAN, R. *Signs, trails, and wayside exhibitions: connecting people and places*. Stevens Point: VW-SP Foundation, 1992. 108p. (Interpreter's hand-book series).